



# TOMATE DE INDÚSTRIA COM ELEVADA EFICIÊNCIA DE AZOTO

O Instituto Superior de Agronomia é responsável por um projecto que reúne oito organizações portuguesas e que tem desenvolvido dois novos produtos agrícolas de baixa pegada de azoto.

O projecto PDR2020 NEP-High Nitrogen Efficient crop Production for better water management, que reúne oito organizações portuguesas, iniciou-se no final de 2017 e, ao longo destes anos, tem desenvolvido dois novos produtos agrícolas de baixa pegada de azoto (nitrogénio): o tomate de indústria e a uva para a produção de vinho.

O projecto é da responsabilidade do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa (ISA) e intervém nas regiões de Viseu, de Évora e de Montemor-o-Novo (uva) e ainda em Benavente, na Azambuja e em Salvaterra de Magos (tomate indústria).

O azoto constitui 78% do ar que se respira, como gás inerte não reactivo. Mas só os compostos reactivos é que podem ser absorvidos pelas plantas. Como esses compostos reactivos também se perdem para o ambiente, há que encontrar soluções inovadoras para produzir uva e tomate com a menor pegada de azoto possível. Ao mesmo tempo, há que criar um efeito demonstrador, na organização das práticas agrícolas, que vise a utilização do azoto num compromisso entre a produtividade e a sustentabilidade ambiental.

Assim, através do projecto NEP, a produção agrícola de baixa pegada de azoto será uma aposta para a resolução do problema do excesso deste nutriente. O que abre a oportunidade para criar novos produtos de mercado na óptica da uva e do tomate. Em Portugal, é importante garantir a qualidade da água, do solo e da atmosfera e a mitigação das perdas de azoto das práticas agrícolas convencionais.

Durante o projeto NEP está também a desenvolver-se uma

ferramenta de cálculo da pegada de azoto para estes dois produtos agrícolas.

«Desde o início do século XX que a produção industrial de adubos minerais azotados permitiu alimentar a população mundial. No entanto, essa produção tem causado mudanças sem precedentes no ciclo do azoto, devido à baixa eficiência do seu uso e à acumulação de azoto reactivo no ambiente», diz Cláudia Marques dos Santos, professora do ISA e coordenadora do projeto NEP nesta universidade. E acrescenta: «O excesso de transformação industrial do azoto atmosférico não-reactivo, em todos os outros compostos de azoto reactivo, ameaça a qualidade do ar, da água e do solo e produz mudanças na biodiversidade e nos ecossistemas. Apesar de, actualmente, o azoto reactivo que se perde para o ambiente ter ultrapassado a capacidade de assimilação na natureza, ainda é possível reverter a situação. Este projecto contribui para este objectivo». As actividades agropecuárias contribuem para a emissão de amoníaco para a atmosfera, consequentes chuvas ácidas, acidificação dos solos, perda de biodiversidade e o declínio da qualidade da água. E por isso, surge a necessidade de consciencialização – através da criação do conceito de Pegada do Azoto – para que se consiga medir o impacto de cada actividade no enriquecimento do ambiente com azoto reactivo.

O ISA conduz o projecto NEP, em colaboração com a Benagro – Cooperativa Agrícola de Benavente, o CCTI – Centro de Competências para o Tomate Indústria, a FEA – Fundação Eugénio de Almeida, a Lusovini Distribuição, a Reguenguinho – Sociedade Agrícola e a Sociedade Agro-Pecuária do Vale da Adeg. ●